

Apresentação da seção temática: A dimensão educativa da arte

*Kunst ist lange bildend, ehe sie schön ist*¹

(Goethe)

Vivemos hoje num mundo tomado por incertezas: aprofundamento da desigualdade, iminência da morte, pandemia; desestabilização ambiental e dos habitats (a natureza suportará essa degradação?); presença digital versus a presencialidade (voltará a haver convivência em que os corpos possam se tocar?). E um cenário distópico de um mundo dominado por uma epistemologia dominante, apoiada em três pilares: capitalismo, colonialismo (racismo) e o patriarcado (sexismo).

Que papel poderá a arte ter nesse contexto? É possível criar estímulos para a conscientização do potencial interno de cada indivíduo como um criador responsável pelo mundo em que deseja viver? Se resgatarmos aqui a proposição beuysiana de que “todo indivíduo é um artista”, então a cultura, a política e a educação passariam a ser compreendidas – ainda na trilha de Beuys – como “escultura social”², pelo fato de serem maleáveis e moldáveis pelo pensamento humano. Os caminhos da poética beuysiana, como se sabe, o levaram a pensar a educação como o pilar fundante sobre o qual se sustentaria a “plástica social”.

Assim, pensar a arte em seu potencial formador e transformador, ou seja, em sua **dimensão educativa**, talvez tenha se tornado mais que nunca urgente nesses tempos pandêmicos. Investigar sobre os limites e as possibilidades da arte em aportar mudanças reais à sociedade, em promover questionamentos capazes de incitar transformações sociais, consiste num vetor de investigação de experiências artístico-educativas-criativas que podem transcender tanto os lugares usuais da arte como os da educação.

Nessa seção temática (do nº23) da Revista Farol apresentamos artistas e proposições que se recusam à naturalização da invisibilidade social dessas questões, que pensam a arte em sua dimensão educativa e de engendramento contra-hegemônico da realidade. Uma arte que provoca erosão das certezas impostas, que aposta no resultado de encontros improváveis, que deseja aquilo que está por vir: uma arte que nos ensina nos deseducando, que desafia os conhecimentos já assentados, uma arte que importa por instaurar uma pedagogia do des(a)prender.

Desse modo, reunimos aqui alguns artistas brasileiros contemporâneos que trazem a marca desse imbricamento artevida-educação. Jorge Menna Barreto aproxima-se das ideias do artista alemão ao propor todas as pessoas como seres criadores, arquitetos do organismo social. A capacidade humana de tornar os pensamentos e desejos ativos é base da intenção do artista brasileiro ao levantar questões acerca de hábitos alimentares em seu conceito de “Escultura ambiental”, ao propor uma nova compreensão para os usos da terra e as consequências globais de nossas escolhas.

A artista, ativista, professora e pesquisadora Graziela Kunsch opera diretamente a partir do caráter formador e transformador da arte. Sua produção relaciona-se intimamente com contextos político-sociais e caminha no sentido de uma inserção na vida cotidiana: o mundo da arte se relacionando com outros tantos mundos, e não encerrado em si mesmo. Responsável por projetos como o Mutirão

¹ “Antes que bela, a arte é formadora”. Tradução Regina Johas.

² 22. Harlan, V., Rappmann, R., Schata, P. Soziale Plastik, Materialien zu Joseph Beuys. Achberg: Achberger Verlag, 1984.

– uma ação contínua que focaliza lutas políticas (2008) –, Kunsch tem desenvolvido trabalhos que corroboram para o que chama de autoformação do público, caracterizando uma prática artística que tem ênfase no processo.

O artista Fábio Tremonte atua igualmente como educador, tanto no sistema formal, quanto em programas educativos institucionais. Suas práticas passaram a assumir fluxos mais intensos, recentemente, no projeto Escola da Floresta, em que propõe uma ecologia de saberes como contraponto ao domínio epistemológico vindo do norte. Sem um programa fixo ou estrutura definida, a Escola da Floresta, um projeto artístico, repensa os modelos de educação a partir da ideia de “pedagogia canibal”, criando situações em que se possa aprender com o outro, através de troca de pesquisas e projetos colaborativos entre artistas. Nas palavras de Tremonte, “a Escola da Floresta tem um sotaque portunhol. Ela dá as costas para o Atlântico e se volta para os pampas, para os Andes e outras regiões da América Latina como forma de tentar estabelecer uma conexão”.

A vontade de instaurar novas formas de aprender e ensinar tem inúmeras referências em posicionamentos e movimentos históricos, que já lutaram por novas perspectivas na arte e na educação. Um desses exemplos pode ser visto na Black Mountain College (1933-1957), instituição americana inspirada nas ideias de John Dewey, e que durante o seu período de funcionamento formou uma série de intelectuais e artistas de grande influência para a cultura do século XX. Essa escola, na qual os participantes entendiam o ensino e a aprendizagem como processos colaborativos, é o tema do ~~artigo~~ ensaio de Dorothee Richter, publicado originalmente sob o título “Revisiting Black Mountain College. Teaching to Transgress”, no webjournal *OnCurating*, em 2019.

Absolutamente inserida na experiência e prática artística colaborativa, Beth Moysés, artista paulista, deu início em 2000 a projetos de performance. A imersão na linguagem levou-a a trabalhar com coletivos artísticos, com mulheres voluntárias, muitas delas vítimas da violência doméstica em colaboração com Casas Abrigo do mundo todo. As experiências que provoca em si mesma, nas participantes e no público são profundas e transformadoras, indiciando sua dimensão educativa. Desde então, suas performances já foram realizadas no Brasil, Espanha, China, Uruguai, Panamá, Irlanda, Colômbia, Venezuela, Portugal. Além das performances, Beth continua desenvolvendo objetos, fotografias, vídeos, animação, desenhos, com os quais vem participando de exposições no Brasil e no exterior, coletivas e individuais, cuja curadoria giram em torno de questões envolvendo mulher, feminismo e a violência doméstica.

Alexandre Sequeira nasceu em Belém do Pará em 1961. Artista professor formado em Arquitetura pela UFPA em 1983 é docente na Faculdade de Artes Visuais da UFPA. Desenvolve trabalhos que estabelecem relações entre fotografia e alteridade social, envolvendo em seus projetos e práticas artísticas crianças, jovens e adultos de diferentes comunidades. No artigo elaborado para esta edição da Farol apresenta uma proposição artística de natureza relacional e trata sobre as possíveis intersecções entre o ato de viver e o ato de criar. Relata o percurso criativo, a experiência poética que convida quem dela participa a desvelá-la a partir de relações associativas com suas referências de mundo.

Os artistas Sandra Cinto e Albano Afonso foram convidados para participar desta sessão temática não apenas pelo trabalho de arte pelo qual são reconhecidos, mas pela experiência no grupo de estudos do Ateliê Fidalga, em São

Paulo. Relatam que, no princípio, os encontros tinham um formato parecido com os ateliês livres, mas pouco a pouco, passaram a ser uma orientação de projeto, uma reflexão sobre o fazer artístico. Atualmente, o antigo local do ateliê se transformou no Projeto Fidalga, composto de 4 ateliês coletivos, três salas expositivas, e um programa de residência artística com o objetivo de abrigar exposições experimentais e trabalhos desenvolvidos pelos artistas residentes e artistas convidados.

E, para falar sobre residência artística, não poderíamos trazer outra pessoa senão Marcos Moraes. Doutor pela FAU-USP e bacharel em Direito e Artes Cênicas pela mesma Universidade é especialista em Arte – Educação – Museu e Museologia. Professor de história da arte, é coordenador dos cursos de Artes Visuais da FAAP, da Residência Artística FAAP e do Programa de Residência da FAAP, na Cité des Arts, Paris. A gestão dos programas de residência em Paris e em São Paulo oportunizou propiciar diferentes experiências artísticas e formativas, tanto para artistas quanto para estudantes de arte, configurando o espaço e tempo da residência artística como outra maneira de pensar a formação e a dimensão educativa da arte.

A partir destas diferentes perspectivas propusemos aproximar concepções e ações singulares em arte/educação com imersão nos processos de criação, recepção e mediação educativa com transformações significativas para os sujeitos envolvidos, artistas/ propositores e público/participante. Colocamos em pauta ações e trabalhos artísticos inovadores nos modos de enfrentar os desafios contemporâneos, como também nas formas de pensar e organizar espaços educativos em residências artísticas, ateliês de artistas, comunidades ou mesmo escolas de arte.

Esperamos que apreciem a leitura!

Regina Johas

DEART-UFRN

Stela Maris Sanmartin

PPGA-UFES/FAPES